



## A INFANTILIZAÇÃO DO CONTEÚDO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS <sup>1</sup>

Edson Fernandes da Costa <sup>2</sup>  
Cristiane Araújo Ludwig <sup>3</sup>

### Resumo

O presente artigo apresenta algumas reflexões derivadas de um trabalho que objetiva investigar as práticas pedagógicas utilizadas pelos professores aos alunos da EJA, a partir das observações realizadas em uma turma da EJA, correspondente ao 7º ano do Ensino Fundamental, na disciplina de Matemática de uma escola pública da cidade de São Borja/RS. As observações foram proporcionadas por meio da disciplina de Estágio Curricular Supervisionado I, enquanto componente obrigatório do Curso de Licenciatura em Matemática do IFFar/Campus São Borja. Amparada na metodologia qualitativa, utiliza para a coleta de dados dois instrumentos: a observação sistemática e a aplicação de um questionário com os alunos da turma observada. A partir das observações realizadas, evidencia-se a presença da infantilização das práticas pedagógicas utilizadas pelo professor aos alunos da EJA, o que pode gerar um sentimento de incapacidade e desestímulo na aprendizagem dos alunos, já que estes não são considerados sujeitos da aprendizagem como ponto de partida para o trabalho educativo.

**Palavras-chave:** EJA, infantilização, conteúdo.

### Introdução

O presente artigo apresenta algumas reflexões derivadas de um trabalho que objetiva investigar as práticas pedagógicas utilizados pelos professores aos alunos da EJA, a partir das observações realizadas em uma turma da EJA, correspondente ao 7º ano do Ensino Fundamental, na disciplina de Matemática de uma escola pública da cidade de São Borja/RS. As observações foram oriundas da disciplina de Estágio Curricular Supervisionado I, enquanto componente obrigatório do Curso de Licenciatura em Matemática do IFFar/Campus São Borja.

As observações buscaram articular a realidade observada com a teoria aprendida no curso, já que “o papel das teorias é iluminar e oferecer instrumentos e esquemas para análise e investigação”, no sentido de “questionar as práticas institucionalizadas e as ações dos sujeitos,

---

<sup>1</sup> Trata-se de uma pesquisa de ensino realizada na disciplina de Estágio Curricular Supervisionado I.

<sup>2</sup> Graduando do Curso de Licenciatura em Matemática do Instituto Federal Farroupilha – IFFar – Campus São Borja, [edson.2019000340@aluno.iffar.edu.br](mailto:edson.2019000340@aluno.iffar.edu.br);

<sup>3</sup> Professora orientadora: doutora em educação, Instituto Federal Farroupilha – IFFar – Campus São Borja, [cristiane.ludwig@iffarroupilha.edu.br](mailto:cristiane.ludwig@iffarroupilha.edu.br).



ao mesmo tempo, colocar elas próprias em questionamento, uma vez que as teorias são explicações provisórias da realidade” (PIMENTA, LIMA, 2012, p. 43).

Contudo, a aproximação da realidade à luz da teoria só tem sentido quando assume um caráter de intencionalidade e de envolvimento. As autoras acima citadas denunciam que a maioria dos estágios apresentam uma análise míope da realidade, pois são burocratizados e carregados de ficha de observação, “o que aponta para a necessidade de um aprofundamento conceitual do estágio e das atividades que nele se realizam.” (PIMENTA, LIMA, 2012, p. 45).

Ao aproximar a realidade observada à luz da teoria, o estágio como atividade teórica toma por base a concepção do estagiário como “intelectual em processo de formação e a educação como um processo dialético de desenvolvimento do homem historicamente situado”, na medida em que o estagiário assume a práxis como fundamento de sua identidade docente. (PIMENTA, LIMA, 2012, p. 47).

Considerando esse aspecto, buscou-se analisar os dados coletados à luz da teoria no sentido de aprofundar conceitualmente as práticas pedagógicas utilizadas pelos professores regentes por meio das observações realizadas.

Serviram de base teórica para o aprofundamento das práticas pedagógicas na EJA autores como Paulo Freire (2018) e, em relação à infantilização do ensino da EJA, Inês Barbosa (2007), Ferreira; Albuquerque; Moraes; Ferreira (2013).

A seguir serão apresentadas as reflexões construídas a partir dos dados coletados nas observações à luz do estudo teórico. Inicialmente aborda-se algumas reflexões teóricas sobre as práticas pedagógicas na EJA, seguido do percurso metodológico e dos resultados e discussões e, por fim, alguns aspectos conclusivos.

### **A prática pedagógica na EJA**

Reconhecida como direito humano e inscrita em legislações como modalidade da educação básica, a Educação de Jovens e Adultos (EJA) destina-se àqueles que se encontram na faixa etária superior à considerada própria para os níveis de conclusão do Ensino Fundamental e do Ensino Médio, de acordo com o Parecer n. 11/2000 de 10 de maio de 2000 (BRASIL, 2000).

Contudo, a Educação de Jovens e Adultos é apresentada como um campo marcado por grandes desafios da Educação Básica. Tais desafios são enfrentados no cotidiano dos estudantes, pela reivindicação de seu direito à educação de qualidade e pelos profissionais de educação que estejam empenhados na construção de possibilidades de aprendizagens

significativas e sensíveis, em sua prática educativa. (SILVA, OLIVEIRA, BRANCO, FLORES, 2022).

Arroyo (2001) chama a atenção para o desafio de superar a forma como são tratados os alunos da EJA, como os repetentes, evadidos, defasados, deixando de fora dimensões da condição humana desses sujeitos, básicas para o processo educacional. Por essa singularidade nos dirigimos a uma faixa etária diferenciada, com características próprias. Primeiramente jovens e adultos não podem ser tratados como crianças, pois já trazem toda uma trajetória de vida e especificidades que precisam ser respeitadas. De acordo com Freire (1987), “são pessoas que não tiveram infância, ou tiveram uma infância frustrada, têm vergonha de si mesmos, possuem complexo de inferioridade diante da sociedade que os oprime e os discrimina. Construir uma EJA que produza seus processos pedagógicos, considerando quem são esses sujeitos, implica pensar sobre as possibilidades de transformar a escola que os atende em uma instituição aberta, que valorize seus interesses, conhecimentos e expectativas; que favoreça a sua participação; que respeite seus direitos em práticas e não somente em enunciados de programas e conteúdo; que se proponha a motivar, mobilizar e desenvolver conhecimentos que partam da vida desses sujeitos; que demonstre interesse por eles como cidadãos e não somente como objetos de aprendizagem.

Compreendemos que a prática pedagógica precisa considerar aspectos inerentes ao educando, como: seu ritmo de aprendizagem, suas vivências extras-escolares, sua faixa etária e suas potencialidades, entre outros. Nesse sentido, ao pensar sobre a prática pedagógica na EJA, o professor precisa estar atento ao contexto social, cultural, político, econômico e as necessidades educativas dos alunos de modo que esta favoreça a aprendizagem. Por isso, é fundamental que o professor tenha clareza do que, para que, como e a quem está ensinando, para, a partir daí, propor uma prática pedagógica que contemple as necessidades educacionais do aluno, sempre levando em consideração o perfil dos seus alunos.

Um método que leva de fato em consideração as especificidades dos alunos, é o Método Paulo Freire, no qual o educador se utiliza do vocabulário que faz parte da vida do educando, palavras que para eles tem um significado. Para tanto, “Freire recomenda fazer o levantamento do universo vocabular dos grupos, a fim de escolher as palavras geradoras, que variam conforme o lugar” (ARANHA, 2006, p. 339). O objetivo último se volta para que a alfabetização de adultos não seja puramente mecânica e memorizada, buscando proporcionar a alfabetização por meio da conscientização. Tal concepção passa por uma prática pedagógica fundamentada em princípios éticos, de valorização da pessoa, de suas experiências de vida.

### **Contextualização dos percursos metodológicos**

A pesquisa se ampara na abordagem qualitativa, já que se ocupa com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Dito de outro modo, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. “Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes” (MINAYO, 2012, p. 21).

Para a coleta de dados foram utilizados dois instrumentos: a observação sistemática e a aplicação de um questionário com os alunos da turma observada.

De acordo com Gil (2012), a observação sistemática requer um planejamento prévio em que deve ser estabelecido “o que deve ser observado, em que momentos, bem como a forma de registro e organização das informações” (p. 104). As observações objetivaram conhecer as práticas pedagógicas utilizadas pelos professores da turma observada, a fim de identificar se tais práticas consideravam as especificidades do público da EJA. Para Gil (2012, p. 104), a observação sistemática estabelece que “o primeiro passo consiste em definir o que deve ser observado. Esta definição precisa levar em consideração os objetivos da pesquisa”. Para tanto, foi desenvolvido um roteiro de critérios a serem observados, tomando como base o estudo de Carvalho (2013); Pimenta e Lima (2012), realizado na disciplina de Estágio Curricular Supervisionado I e que dizem respeito a aspectos inerentes ao trabalho pedagógico docente, como as interações verbais professor-aluno, o conteúdo ensinado, as habilidades de ensino do professor processo de avaliação, entre outros.

As observações foram escritas em diários como recurso que possibilita a reflexão sobre a prática observada, pois “o registro escrito, tanto das vivências pessoais como das práticas profissionais, é essencial para que cada um adquira uma maior consciência de seu trabalho e da sua identidade como professor”. (NÓVOA, 2009, p. 182).

A escola-campo onde foram realizadas as observações de estágio situa-se na cidade de São Borja/RS. Trata-se de uma escola pública que abarca além do ensino Fundamental regular, também a modalidade EJA. A escola tem em torno de, aproximadamente, 260 alunos, sendo destes, 50 alunos da EJA. As observações iniciaram em 29 de abril de 2023 a 27 de maio de 2023, e foram realizadas no período noturno, na segunda-feira (3º e 4º período), na terça-feira (1º e 2º período) e na quinta-feira (1º e 2º período) na modalidade EJA, contabilizando 16h, destas 12h na disciplina de Matemática, 2h em outra disciplina e 2h de estudo do PPP.

A escolha da modalidade EJA se justifica pelo fato de o aluno-estagiário ter disponibilidade para realizar o estágio apenas no período noturno, sendo oferecido neste período apenas a modalidade EJA.

A turma a qual foram realizadas as observações apresenta uma faixa etária que varia de 18 a 60 anos. No geral, os alunos faltam bastante às aulas. Foi possível observar que qualquer adversidade é motivo para não frequentar a aula, como chuva, temperatura baixa, entre outros. Durante o período das observações, ocorreu um dia de nenhum aluno estar presente em aula, sendo esta cancelada.

Percebendo a importância de considerar a realidade do aluno como ponto de partida para a prática de ensino, foi aplicado um questionário para traçar um melhor diagnóstico das características da turma.

Quanto ao questionário, Gil (2012, p. 122), define como “a técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores, comportamento presente ou passado etc.”

A aplicação do questionário comprovou um dado identificado nas observações, a de que os alunos não eram alfabetizados, pelo fato de a maioria recusar a responder ao questionário, sendo este transcrito pelo aluno-estagiário. A maioria dos alunos da EJA trazem consigo um sentimento de inferioridade, abandono, de falta de capacidade intelectual, não percebendo o quanto conhecimento trazem do seu dia-a-dia. A baixa autoestima é característica forte, sempre que as dificuldades surgem, logo os mesmos se taxam como os culpados por não assimilarem os conteúdos trabalhados em sala de aula.

É preciso perceber que estes alunos são alunos excluídos pela sua história fora da escola e dentro dela, por isso é fundamental percebê-los, assim como suas ansiedades, medos e incertezas. Conseguindo “desenhar” essa realidade, podemos começar a pensar numa proposta pedagógica específica para aquele grupo e que tenha como objetivo ir de encontro às suas expectativas. Acredito que tudo o que parte do real do interesse do aluno o deixa mais seguro, embora a baixa autoestima o faça desacreditar de que é capaz de produzir.

Trazer o mundo do sujeito para a realidade da sala de aula, trabalhar pedagogicamente esse mundo, propiciará ao educando o exercício de uma leitura que precede a da palavra: a leitura do mundo para posterior identificação de seu papel nele. Compreendendo-se que como protagonista, transformará sua realidade através de uma prática consciente e esta o levará à leitura da palavra (FREIRE, 1989).

### **Resultados e discussões**

Nas observações realizadas, foram desenvolvidos os seguintes conteúdos: adição, subtração, multiplicação (dobro e triplo). O material era distribuído aos alunos de forma impressa. Inicialmente o professor explicava o conteúdo e destinava um tempo para os alunos resolverem. Uns poucos tentavam resolver as atividades propostas, sendo que a maioria esperava o professor resolver no quadro. Da parte do professor, não se observou um acompanhamento aos alunos para verificar se estavam conseguindo realizar as atividades ou se apresentavam dúvidas. Passado um tempo as questões eram corrigidas no quadro.


Contudo, o aspecto que mais chamou a atenção, fazia referência a apresentação do conteúdo, este voltado para um público infantil. Na literatura da área, Barbosa (2007), denomina de inadequação do conteúdo na EJA o que leva à infantilização dos alunos da EJA, sendo este, “possivelmente, um dos principais problemas que se apresentam ao trabalho na EJA” (p. 88). Independentemente da idade dos alunos, a autora destaca que, tanto a organização dos conteúdos quanto a forma de abordá-los, as propostas são desenvolvidas para o público da EJA como se fossem direcionadas para crianças do ensino regular, desconsiderando que estes têm uma vida rica em aprendizagens que mereceriam maior atenção.

A seguir, apresenta-se alguns exemplos do conteúdo de adição e posterior análise de algumas atividades coletas entre abril a maio de 2023 que evidenciam a infantilização dos

alunos da EJA na turma T3 que corresponde ao 7º ano do Ensino Fundamental:

### Adição de Três Parcelas

Observe os quadros, registre e resolva as adições:



••••	→	.....
•	→	.....
••	→	.....
+		.....

••	→	.....
••	→	.....
••	→	.....
+		.....


•	→	.....
••	→	.....
••	→	.....
+		.....

••••	→	.....
••	→	.....
•	→	.....
+		.....

••	→	.....
••	→	.....
••	→	.....
+		.....

••	→	.....
••	→	.....
••	→	.....
+		.....

Agora arme na forma horizontal e resolva:



	=	
--	---	--

	=	
--	---	--


	=	
--	---	--

	=	
--	---	--

	=	
--	---	--

#### ESCOLHENDO RESULTADOS

1) Resolva as operações e, depois, circule o resultado ao lado:



4 + 5 =	8
	9
	7

4 + 3 =	6
	8
	7

7	9
+2	7
	6

3	5
+2	4
	3

4	5
+2	6
	7

4	9
+4	7
	8

6	7
+3	8
	9

2	6
+6	7
	8

8	2
-5	4
	3

5	0
-4	1
	2

9 - 6 =	2
	3
	4

5 - 0 =	0
	5
	6

7 - 7 =	0
	1
	2

8 - 4 =	4
	3
	2

9 - 4 =	3
	5
	4

6 - 5 =	0
	1
	2

Observa-se que estas atividades, ao apresentarem desenhos infantis com questões simples de resolver, são voltadas para a memorização do conhecimento, pois não apresentam uma situação problema, o que não leva o aluno a resolver o raciocínio lógico, por exemplo. Tais

práticas de ensino, não consideram que o adulto já possui uma bagagem de conhecimento construídos ao longo de sua vida e que esta deve ser respeitada e valorizada. Oliveira (2007) aponta para a necessidade de uma organização própria e de uma diferenciação da EJA em relação a outras modalidades, já que a EJA é formada por jovens, adultos e idosos, cada um com seus interesses e suas dificuldades de aprendizagem. Sendo que estes alunos procuram a educação porque realmente querem aprender, não precisam ser tratados como acontece com as crianças. (OLIVEIRA, 2007, p. 89). Nas observações também chamou atenção o tratamento do professor com os alunos, como se fossem crianças, ou seja, com palavras no diminutivo, como por exemplo, a expressão “folhinhas”.

Assim, em relação à EJA, considerando-se o fato de ter um quadro de alunos diferenciados, práticas infantilizadas podem desencadear nos alunos um sentimento de incapacidade, o que pode levar a evasão escolar nesta modalidade de ensino, uma vez que os professores na maioria das vezes insistem em utilizar um ensino infantilizado, sem considerar a rotina de quem estuda e trabalha. Amparo (2017), expõe que, para os professores, “parece ser cômodo trazer as mesmas atividades que utilizam em seu outro período de trabalho na Educação Infantil e Fundamental, do que pensar e elaborar um material específico para a EJA” (p. 57).

Em contrapartida, é preciso que o professor tenha clareza do que, para que, como e a quem está ensinando, para, a partir daí, utilizar uma prática pedagógica que contemple as necessidades educacionais do aluno, levando em consideração o perfil dos seus alunos.

Educar jovens e adultos é saber valorizar o que eles já sabem, procurando estabelecer conexões entre o ensino e a realidade na qual estão inseridos. Era isso que Paulo Freire tentava colocar em prática com seu método de alfabetização, o respeito às especificidades desse grupo. De acordo com Freire:

Nenhuma pedagogia realmente libertadora pode ficar distante dos oprimidos, quer dizer, pode fazer deles seres desditados, objetos de um “tratamento” humanitarista, para tentar, através de exemplos retirados de entre os opressores, modelos para sua “promoção”. Os oprimidos não de ser exemplo para si mesmos, na luta por sua redenção (1987, p. 45).


Um exemplo de como pode ser integrada a prática pedagógica com a realidade do aluno é apresentada por Guelli (2007, p. 12), em que é proposta uma atividade que estimula o desenvolvimento do raciocínio lógico e também voltada a realidade desse público, conforme a imagem ilustra.



**EXERCÍCIOS**


7. Resolva:  
 a)  $48 - 15 + 23$                       b)  $75 - 17 + 21 - 3$                       c)  $100 - 25 - 5 - 15$

8. Observe os veículos e seus preços:



Quanto a loja vai receber se vender:  
 a) a pick-up e a moto?                      b) a moto e o carro?                      c) os três veículos?

9. Um motorista recebeu a nota fiscal ao lado pela revisão do seu veículo. Além disso, foram cobrados R\$ 40,00 de mão-de-obra. Ele pagou com três notas de R\$ 100,00. Quanto recebeu de troco?



Nota Fiscal	Quantidade	Preço unitário
Óleo	1	R\$ 120
Filtro	1	R\$ 120
Graxa	1	R\$ 120
Lubrificantes	7	R\$ 120
Outros	1	R\$ 120
<b>TOTAL</b>	<b>11</b>	<b>R\$ 840</b>

Muitas vezes, quando vamos a um banco pagar contas, por exemplo uma de R\$ 148,00 e outra de R\$ 48,00, fazemos mentalmente uma estimativa da soma para saber se temos saldo suficiente na conta bancária para pagá-las.

12 Educação de Jovens e Adultos - Matemática

Aqui pode-se ver o conteúdo mais voltado para a realidade dos alunos da EJA, pois explora uma vivência extraescolar do aluno. Tal proposta favorece a participação, valoriza os conhecimentos e expectativas desses alunos, o que pode desencadear interesse e motivação para aprender. Ao propor atividades que partam da vida desses sujeitos é possível ultrapassar uma prática de ensino mecanizada e promover uma aprendizagem que faça sentido ao aluno. Convém destacar que, neste trabalho, utilizamos o objeto (veículo) apenas como exemplo. Assim, caso o objeto (veículo) não faça parte da realidade da turma, outro objeto deverá ser utilizado, como por exemplo, despesas fixas e/ou consertos domésticos, mercado, entre outros. Logo, a cada turma, o professor precisa realizar um levantamento da realidade em que os alunos se inserem para melhor retrato dela.

### Conclusões

Vivenciando essa oportunidade de observação, pôde-se visualizar na prática diversos conceitos e dificuldades. Ao delimitar o tema da pesquisa, por meio da inadequação do conteúdo aos alunos da EJA, tal como observado na prática, compreende-se que a apresentação dos conteúdos aos alunos da Educação de Jovens e Adultos deve ser diferente do Ensino

Regular. Entende-se por isso uma abordagem dos conteúdos relacionados a situações da vida cotidiana dos alunos da EJA. Assim, as formas mais tradicionais de seleção e abordagem dos conteúdos encontradas no Ensino Regular devem dar lugar a formas alternativas que possam favorecer a escolarização desses alunos.

Concluiu-se que no desenvolvimento do trabalho pedagógico é importante partir das histórias de vida, dos interesses e dos saberes que os alunos trazem para as salas de aula.

### Referências

ARANHA, Maria Lúcia de Aranha. **História da educação e da pedagogia: geral e Brasil**. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2006.

ARROYO, Miguel. A Educação de Jovens e Adultos em tempos de exclusão. **Alfabetização e Cidadania**. São Paulo: Rede de Apoio à Ação Alfabetizadora do Brasil (RAAAB), n.11, abril 2001. Disponível em:  
<https://www.educacaorc.com.br/media/biblioteca/2020330/aeducacaodejovenseadultosemtem.pdf> Acesso em: 30/05/23

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Resolução n. 1, de 5 de julho de 2000. Estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos. Diário Oficial da União, Brasília, 19 jul. 2000. Disponível em:  
<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB012000.pdf> Acesso em: 24/05/2023.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Parecer n. 6, de 4 de abril de 2010. Institui Diretrizes Operacionais para a Educação de Jovens e Adultos - EJA. Diário Oficial da União, Brasília, 4 abr. 2010. Disponível em:  
[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=5366-pceb006-10&category\\_slug=maio-2010-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=5366-pceb006-10&category_slug=maio-2010-pdf&Itemid=30192) Acesso em: 24/05/2023.

BRASIL. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília-DF, 1996. Disponível em:  
[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm) Acesso em: 24/05/2023.

CARVALHO, Anna Maria Pessoa de. **Os estágios nos Cursos de Licenciatura**. São Paulo, Cengage Learning, 2017.

FERREIRA, Andréa Tereza Brito; ALBUQUERQUE, Eliana Borges C. De; MORAIS, Artur Gomes de; FERREIRA, Josemar Quedes Ferreira. Prática dos professores alfabetizadores da EJA: o que fazem os professores, o que pensam os seus alunos? **Educação em Revista**, 29, 3, Set,2013. Disponível em:  
<https://www.scielo.br/j/edur/a/TnQ6FtmgHz6qtq3bKc3VyTq/> Acesso em: 24/05/23.

SILVA, Vanessa Rosa Bastos da; OLIVEIRA, Maria Cláudia Santos Lopes de; BRANCO, Ângela Maria Cristina Uchoa de Abreu; FLORES, Eileen Pfeiffer. Processos dialógicos na EJA: refletindo a partir da psicologia cultural. **Psicologia Escolar e Educacional**. v. 26, 2022. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/pee/a/XDQ7g4zDrZDNsxnYdKD6Vqs/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 06/06/23.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 9. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnica de pesquisa**. 6.ed. 5. reimp. São Paulo: Atlas, 2012.  
MINAYO, Maria Cecília de SOUZA. o desafio da pesquisa social. In: DESLANDES, Suely Ferreira; Gomes, Romeu; MINAYA, Maria Cecília de SOUZA (Org). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 31. ed. Petrópolis: Vozes, 2012, p. 09-29.

NÓVOA, A. **Professores: imagens do futuro presente**. Porto: Ed. Porto, 2009.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. Reflexões acerca da organização curricular e das práticas pedagógicas na EJA. **Educar**, Curitiba, n. 29, p. 83-100, 2007. Editora UFPR. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/hFjkmDxbZLwGBdLx8R4XhgS/?format=pdf> Acesso em 24/05/23.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

ZABALZA, Miguel António. Diários de aula - Um instrumento de pesquisa e de desenvolvimento profissional. Tradução: Ernani Rosa. - Porto Alegre: Artmed, 2004.